

MOTIVAÇÃO E AUTOESTIMA PROFISSIONAL: UMA ANÁLISE FEITA COM PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA DA REDE PÚBLICA DE GARANHUNS

Viviane Maria da Silva Ferreira¹

Orientadora: Juliana Galindo de Oliveira Pontes²

Resumo

O presente artigo teve como objetivo analisar através de um questionário, a autoestima profissional do professor da educação básica, considerando o atual contexto político e social que esse sujeito vivência. Sendo a autoestima a forma como o indivíduo si percebe e que influencia diretamente na sua relação com outras pessoas. Entende-se que, se o professor não estiver satisfeito com si mesmo em relação ao seu trabalho, o seu desempenho profissional e a sua relação com seus alunos serão prejudicados, assim como o processo de ensino e aprendizagem. Mediante aspectos como, desvalorização profissional e salarial, duplas jornadas de trabalhos, falta de materiais, indisciplinas entre outros, o trabalho do professor vem se tornando uma profissão cada vez menos atrativa e com isso, a autoestima desse profissional corre riscos de ser prejudicada.

Palavras-chave: Autoestima. Trabalho. Professor. Educação.

1 INTRODUÇÃO

Tendo em vista o atual contexto político e social da educação brasileira, o trabalho do professor tem sido alvo de muitos estudos e pesquisas (LIBÂNEO 2008, OLIVEIRA 2003, PARO 2012, TARDIF 2005, LEITE 2011). Isso porque, o contexto no qual o trabalho desse profissional se encontra, principalmente, os professores da rede pública de ensino, demonstram vivências de um processo muito alto de desvalorização e condições de trabalho precárias. Diante disso, Libâneo (2008, p. 76-77) aponta que:

É verdade que a profissão de professor vem sendo muito desvalorizada tanto social quanto economicamente, interferindo na imagem da profissão. Em boa parte isso se deve às condições precárias de profissionalização – salários, recursos materiais e didáticos, formação profissional, carreira – cujo provimento é, em boa parte, responsabilidade dos governos. [...] na prática, os

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Garanhuns - UFRPE-UAG, viviferreira071@gmail.com

² Doutora em Psicologia Cognitiva pela Universidade Federal de Pernambuco – UFRPE, jugopontes@yahoo.com.br

governos têm sido incapazes de garantir valorização salarial dos professores, levando a uma degradação social e econômica da profissão e a um rebaixamento evidente da qualificação profissional dos professores de todo país.

Com isso, destaco que, diante de vários trabalhos realizados em escolas públicas, durante todo o curso de pedagogia, através do PIBID, estágio curricular, entre outros, foi notado lamentos de professores acerca de situações que aconteciam no ambiente de trabalho. Tais assuntos giravam em torno de indisciplina, falta de materiais, várias atividades para “darem conta”, como planejamento, correção de atividades e provas, a falta e perda de direitos, salas superlotadas, etc. Além disso, tendo em conta o atual contexto político e social que vem permeando a educação brasileira, a rotina desse profissional demonstra vivências de um processo muito alto de desvalorização e condições precárias de trabalho.

Por esse motivo, essa profissão está ficando menos atrativa para alguns profissionais e, com base nisso surgiu a preocupação com a autoestima do professor. Isso porque, diante desse quadro, pode ter seu desempenho profissional prejudicado, apresentando desmotivação, dificuldades e limitações, que por sua vez, podem interferir na qualidade de ensino.

Além disso, profissionais da educação estão cada vez mais encarregados de trabalhar valores que deveriam ser um ofício da família. Entretanto, por motivos como trabalhar para manter o sustento da casa, busca constantes por empregos, sobrecarga diária de atividades domésticas, esses valores acabam sendo esquecidos pelos familiares. Nesse contexto, é notório que ensinar se constitui em uma tarefa estressante.

Após essas vivências, as reflexões dentro da universidade instigaram a realizar uma pesquisa, que teria como foco de estudo, esses profissionais em seu ambiente de trabalho. Tendo como objetivo geral a) analisar a autoestima do professor da educação básica com relação a sua profissão. Para alcançá-lo, definimos como objetivos específicos b) identificar quais fatores afetam a autoestima profissional do professor e c) investigar a relação da autoestima do professor com seu desempenho profissional.

Dessa forma, partimos da proposição de que para compreender a autoestima do professor, é preciso considerar alguns estudos que vem sendo realizados na Psicologia. No sentido de entender o que leva professores a ficarem com a autoestima afetada e, de qual forma esta influência em seu desempenho no ambiente de trabalho.

Sendo assim, para pesquisar esse tema, não devemos apenas favorecer um novo olhar para esses profissionais da educação sobre sua autoestima, mas também possibilitar a construção de uma nova visão acerca de sua atuação, devido aos estímulos que por sua vez, podem interferir na qualidade de ensino.

Assim, justificamos a pesquisa sobre os eventos que influenciam na autoestima do professor, bem como, tentativa de contribuir em um forte apelo, para melhoria das condições de trabalho desses profissionais, que vem sofrendo grandes críticas sobre o seu papel na sociedade atual. Além de ser uma forma de pensar no bem estar desse profissional, como um fator propício a melhoria do processo de ensino e aprendizado.

2 REFERÊNCIAL TEÓRICO

Nesta seção iremos apresentar algumas discussões acerca da profissão professor, evidenciando o contexto das condições de seu trabalho, para que assim possamos compreender como sua autoestima profissional se encontra diante de sua profissão. Ainda através desse referencial, buscamos relacionar a autoestima desse profissional com seu desempenho em sala de aula.

2.1 Profissão professor

O debate sobre essa profissão no Brasil não é recente, pois ela surgiu em decorrência de mudanças políticas, econômicas e sociais. Diante disso, o trabalho desse profissional perpassou vários acontecimentos e transformações, desde a antiguidade até os dias atuais.

A profissão professor está concebida como uma das mais fundamentais para a sociedade. De acordo com Paro (1996, p. 215) o corpo docente “é o elemento mais importante que a escola pode oferecer na realização do trabalho de efetiva

qualidade [...]”. Isso porque o trabalho desse profissional consiste em ideias, valores e atitudes que por meio das relações pedagógicas, forma sujeitos. Cabe a eles, a responsabilidade pelo processo de desenvolvimento de seus alunos com qualidade e eficácia, para que assim possa receber o reconhecimento esperado.

No Art. 67 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, também estabelece valorização dos profissionais da educação e ainda destaca o direito dos mesmos a possuírem condições adequadas de trabalho.

Art. 67. Os sistemas de ensino promoverão a valorização dos profissionais da educação, assegurando-lhes, inclusive nos termos dos estatutos e dos planos de carreira do magistério público:

I - ingresso exclusivamente por concurso público de provas e títulos;

II - aperfeiçoamento profissional continuado, inclusive com licenciamento periódico remunerado para esse fim;

III - piso salarial profissional;

IV - progressão funcional baseada na titulação ou habilitação, e na avaliação do desempenho;

V - período reservado a estudos, planejamento e avaliação, incluído na carga de trabalho;

VI - condições adequadas de trabalho (BRASIL, 1996, p.21).

É perceptível que o bem estar do professor está vinculado a existência de condições favoráveis de trabalho. Entretanto, existe uma contradição entre o que defende os documentos nacionais e o que remete a essa profissão atualmente. Isso porque, diante das situações e mudanças no campo social, cultural, ambiental e político, que vem permeando a sociedade atual, o professor passou a absorver novas funções na sala de aula, como de psicólogos, enfermeiros, assistentes sociais etc.

Além disso, o fato de vivermos em uma sociedade capitalista, colabora para que alguns pais e responsáveis de alunos passem mais tempo em seus trabalhos, cabendo aos professores a função de ensinar valores morais, éticos, sociais e culturais. Por esse motivo, esses profissionais vêm sofrendo críticas generalizadas. Como aponta Spivakoski (2008, p.10)

O professor vê-se constantemente dividido entre papéis contraditórios, por um lado deve ser companheiro e amigo dos alunos e por outro deverá atribuir-lhe nota, selecionar. Procura colaborar nas transformações sociais, no entanto é visto pelos alunos como representante da sociedade e da instituição.

Além disso, há casos como violência doméstica, fome, entre outros problemas que os alunos enfrentam em seus lares e ao levar para a escola, os professores se veem assumindo muitas vezes, o papel de pais. Por isso, Nóvoa (1995, p. 29) defende que “os professores precisam reencontrar novos valores, novos idealismos escolares que permitam atribuir um novo sentido à ação docente”.

Diante desse contexto, o professor está cada vez mais lutando por sua profissionalização. Isso porque mesmo sendo uma fonte de alienação, o trabalho é de suma importância para o trabalhador, principalmente em uma sociedade capitalista. Segundo a visão psicanalista de Freud (1974) o trabalho é fundamental para o equilíbrio do homem, para a sua saúde física e mental e, a sua inserção no meio social. Por esse motivo, o trabalho pressupõe uma liberdade, na qual o sujeito apresenta suas especificidades e características de personalidade. Porém, é possível que o trabalhador apresente estados de tristeza, insatisfação, desânimo, favorecendo condições de depressão, neurose, baixa autoestima entre outras que são ocasionadas pelo sofrimento no trabalho.

2.2 Autoestima do professor

Para discutirmos sobre a autoestima do professor, é preciso primeiramente termos uma conceituação científica mais clara sobre o termo autoestima. O verbo “estimar” vem do latim *restimare*, “avaliar”, cujo significado é duplo: “determinar o valor de” e “ter uma opinião sobre”. Sendo assim, quando falamos sobre autoestima de uma pessoa, estamos nos referindo aos sentimentos valorativos que esta elabora acerca de si própria (PEREIRA 1991, apud CASTELO-BRANCO & PEREIRA, 2001). Dessa forma, autoestima, nada mais é a forma como o sujeito se percebe, estando satisfeito ou não, com sua percepção.

Branden (1998, p.1) relata que “a capacidade de desenvolver uma autoconfiança e um autorrespeito saudáveis é inerente à nossa natureza”. Isso porque a nossa habilidade de pensar é atrelada a nossa competência e o fato de estarmos vivos nos dá automaticamente o direito de lutar pela nossa felicidade. Sendo assim, todos nós deveríamos ter uma autoestima elevada e vivenciar autoconfiança.

Entretanto, uma grande quantidade de pessoas não se sente dessa forma. Como por exemplo, alguns professores da rede pública, que mediante as condições de trabalho, vem sofrendo com sentimento de insegurança, culpa, dúvida, medo etc. Esses sentimentos negativos que as pessoas sentem reflete a visão psicossocial de Cooley (1902, apud Harter, 1993), quando afirma que a natureza da autoestima é essencialmente social, ou seja, as opiniões dos outros vão afetar o autoconceito que o sujeito tem de si. Por exemplo, se os outros têm respeito e consideração pelo indivíduo, a sua autoestima provavelmente será elevada, caso contrário, se o sujeito não é valorizado por outros, sua autoestima certamente será baixa.

Diante do contexto em que se encontra o trabalho do professor, a autoestima desse profissional vem sendo cada vez mais afetada, pois, vivenciando essas condições de trabalho, o professor vem perdendo os estímulos que contribuiriam para exercerem o ofício da profissão de forma mais gratificante. Em vez disso, o quadro que vem apresentando a profissão, vem favorecendo em uma séria crise da identidade profissional.

Essa crise está relacionada a decadência dos princípios modernos, que dão sentidos ao sistema escolar. Juntamente com o processo de desvalorização, está a decadência das escolas como “culpada pelos problemas sociais”, que faz com que a figura do professor também necessite de uma reconstrução da identidade profissional.

Essa identidade contribui para a percepção da autoeficácia, da motivação, do compromisso e da satisfação do trabalho docente e, é um fator importante para que nos tornemos bons professores. Para que o professor possa assumir esse papel, se torna necessário ofertar subsídios para que o professor possa concluir esse ciclo vivencial.

Voli (1998) destaca que segurança, autoconceito, integração, finalidade e competência são os componentes básicos da autoestima que servem como auto análise para o professor. Dessa forma, o trabalho com tais características permite que o professor encontre meios de atuar e relacionar-se consigo e com seus alunos. Assim, proporcionando uma atividade educativa baseada no respeito e

aceitação de mudança de pensamentos e comportamentos, permite que o professor evolua de forma efetiva de compreender as relações intra e interpessoais.

Sendo assim, proporcionando meios para que o professor possa manter uma boa autoestima, ele obterá resultados positivos em relação a sua autoconfiança, seu potencial, seu valor e, assim conseguirá ter respeito por si mesmo, aceitar críticas, sejam elas positivas ou negativas, reconhecer seus erros e limitações, sem deixar de lado a humildade.

Lembrando que, uma autoestima elevada alimenta a criatividade do docente, o que contribui para que o mesmo descubra e saiba expressar suas emoções, competências, talentos, e aprenda a ter respeito por si. Isso permitirá que esse profissional, invista em seus objetivos com mais autonomia e a buscar soluções para os possíveis problemas.

2.3 Autoestima do professor e ensino

Partindo do pressuposto de que a relação entre professor e aluno influencia diretamente o processo de ensino e aprendizagem, veremos nesta seção, como a autoestima do professor pode influenciar seu desempenho em sala de aula. Levando em conta que, esta pode afetar pensamentos, emoções, comportamentos e relações interpessoais, Cavalcanti (2003) afirma que a autoestima e a aprendizagem estão relacionadas de forma direta, uma vez que as dificuldades do aprender podem provocar uma baixa autoestima e isso, contribui para desajustes e dificuldades de aprendizagem.

Assim, compreendemos que o bem-estar do professor influencia no bem-estar de seus alunos, por meio de sua relação e forma de ensinar, como aponta Voli (1997, p. 13) “a personalidade do professor projeta-se na criança e intervém em sua formação para a vida”. Dessa forma, o estudante precisa sentir confiança no professor e ser estimulado no ambiente escolar, de modo que, sua motivação se encontre elevada.

Considerando que a postura do professor não está pautada somente em aspectos cognitivos, mas também afetivos, é preciso que no ambiente escolar, especificamente na sala de aula, seja um espaço que proporcione uma boa relação

entre professor e aluno e, por meio desta, ambos se sintam estimulados e motivados. Nesse sentido Voli (1997, p. 25) ressalta que:

Os professores devem projetar nas crianças a personalidade de adultos seguros, abertos, eficientes, claros, serenos, compreensivos e realizados, e podem fazê-lo. Além disso, está claro que se sentir melhor consigo mesmo é muito mais gratificante que se sentir mal ou incomodado por não fazer nada para melhorar nossa visão de vida e, sobretudo, por continuar sentindo-se vítima do sistema.

Com base nisso, nota-se que esse profissional precisa investir em sua autoestima para que seus alunos possam refletir seu potencial através de sua prática. Entretanto, é importante frisar, que uma educação de qualidade não depende apenas desse fator. Então, mesmo sabendo que as pessoas procuram prazer, crescimento e autorrealização no trabalho, é evidente que atualmente a rotina do professor remete a um trabalho precário, mediante as condições, baixo salário e desvalorização. Por esse motivo, este profissional não se sentirá confortável com sua profissão, pois o que deveria ser algo prazeroso, se tornou um incômodo quando se pauta as condições de trabalho e o modelo político que atualmente se encontra no país.

Então, refletir sobre as condições de trabalho dos professores, é fundamental não apenas para priorizarmos a saúde física e psicológica desse profissional, mas também as condições de ensino e aprendizagem. Isso porque tais situações e problemas estão vinculados e, além disso, Barreto (1991) indica que, tais condições de trabalho é um dos principais fatores da ineficiência do ensino no Brasil.

Ainda sobre as condições de trabalho desse profissional afetar o ensino, Vasconcelos de Barros (2013, p.57) ressalta que:

As condições de trabalho docente é uma das questões mais discutidas quando se trata da melhoria do ensino. Muitos são os problemas relacionados às condições de trabalho, dentre os quais destacamos as precárias condições físicas das escolas especialmente no que se refere à temperatura, ruído e superlotação das salas, ao cansaço físico pela longa jornada, à dupla jornada das professoras (doméstica e profissional), aos baixos salários, à complexidade das tarefas desenvolvidas e à falta de recursos materiais; aos problemas sócio familiares dos alunos; aos ritmos de

trabalho, ao grande número de tarefas diferenciadas e vários outros.

Dessa forma, entende-se que o trabalho do professor é exaustivo e estressante. Assim, se torna difícil encontrar satisfação no trabalho, pois tais aspectos patogênicos relacionados ao trabalho desse profissional estão voltados a cultura e dinamização da instituição da escola e/ou a uma realidade sócio institucional que provoca desestímulos aos educadores diante de suas tarefas.

Além disso, Dejourns (1992) considera que a organização do trabalho pode limitar a liberdade de cada trabalhador, bem como, escolher, organizar e intervir sobre o conteúdo do trabalho. Sendo assim, quanto menor a autonomia da estruturação da tarefa, maior a possibilidade do trabalhador desanimar com seu ofício e ter a autoestima prejudicada.

Ligando esse pensamento à concepção marxista³, o trabalho do professor tende a ser cada vez mais limitado, no ato de planejar e organizar de sua tarefa, desconsiderando suas concepções, individualidade e personalidade. O Estado transmite a ideologia pelas instituições através da mediação do educador, para que os estudantes possam se tornar qualificados para o mercado de trabalho e, o lugar onde deveria criar cidadãos críticos, está gerando apenas mão-de-obra qualificada. Em meio a isso, a subjetividade desse profissional sofre modificações, tendo em vista que o sujeito possui uma base psicológica sujeita às ansiedades, inseguranças e emoções resumidos no contexto em que vive, favorecendo o sofrimento desses profissionais. Com base nisso, Ricoeur (1991, p. 223, apud, OLIVEIRA, 2003) aponta que “sofrimento não é unicamente definido pela dor física nem pela dor mental, mas pela diminuição, até à destruição, da capacidade de agir, do poder fazer, sentidos como um golpe à integridade de si”.

Lembrando que, a situação emocional do professor será espelhada no aluno, partiremos do pressuposto de Vygotsky, que o desenvolvimento da aprendizagem depende da interação entre pessoas (REGO, 2003). Então é necessário que durante esse processo, a criança interaja com o espaço, com os colegas e com o professor. Dessa forma, o ambiente para essa interação precisa ser agradável tanto

³ Ideia desenvolvidas a partir das obras de Karl Marx e Friedrich Engels sobre a evolução da sociedade, explicando de forma científica, o capitalismo

para o professor quanto para o aluno, pois incentivando essa socialização, a criança desenvolve uma aprendizagem significativa, na qual será motivada a realizar atividades que fazem parte de um ensino mais amplo e concreto.

Por esse motivo, é necessário pensar na autoestima desse profissional como algo que repare o ensino no país, visto que um professor feliz e satisfeito com sua profissão e ambiente de trabalho, será mais criativo, produtivo e proporcionará um bom desempenho no processo de ensino e aprendizado de seus alunos, que por sua vez, refletirão a imagem de seu professor.

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa adotou o método indutivo, pois o trabalho partiu de um fenômeno comum entre docentes brasileiros: professores com a autoestima profissional afetada decorrente da demanda do trabalho e a desvalorização do mesmo, para que em seguida fosse feito um aprofundamento teórico que fala sobre tal. Diante disso, não há uma inquietação definida em justificar determinada hipótese antes de iniciar a pesquisa. Segundo Xavier (2010, p.37) “o pesquisador inicia a pesquisa sem levar em conta qualquer hipótese ou teoria sobre o funcionamento e características de um determinado fenômeno natural ou humano”.

Para esta pesquisa, foi realizada uma Pesquisa de Campo em duas escolas da rede pública do município de Garanhuns-PE. Segundo Rodrigues (2006, p. 88) a pesquisa de campo “é realizada a partir de dados obtidos no local (campo) onde o fenômeno surgiu, e ocorre em situação natural, espontaneamente”.

Diante disso, também foi realizada a aplicação de um questionário. Considerando o contexto cultural do trabalho, no qual os sujeitos da pesquisa estão envolvidos, para que fosse possível identificar as causas e consequências que afetam a autoestima dos docentes e, como isto atinge seu desempenho em sala de aula.

O questionário auxiliou a identificar como se encontra a autoestima docente. Segundo Lüdke e André (2012, p. 184) este “é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e

sem a presença do entrevistador”. Dessa forma, o questionário foi enviado para as escolas para que os professores respondessem na ausência do pesquisador.

Nele optamos por uma questão fechada, perguntando sobre a formação e o tempo de atuação na educação básica. Após isso, optamos por 3 questões, na qual a primeira eles teriam que esclarecer a forma como eles enxergavam a profissão, na segunda, eles teriam que apontar os desafios que eles destacavam em relação a profissão e na terceira, era preciso que eles abordassem o valor que eles atribuíam a profissão. Por último, optamos para que eles completassem uma frase, na qual ele deveriam indagar sobre a forma como eles se enxergavam perante o trabalho, deixando claro suas percepções de si mesmo enquanto professores.

Em relação a escolha do campo de pesquisa, se deu pelo fato das duas escolas já terem permitido o desenvolvimento de trabalhos em seus espaços em situações anteriores e, durante isso, ter surgido momentos de conversas informais com os professores, onde eles falavam sobre seu trabalho e a forma como eles se sentiam diante de algumas situações. Além disso, foi possível também observar a rotina e a realidade desses profissionais no seu ambiente de trabalho.

Para a escolha do perfil dos sujeitos da pesquisa, optamos por profissionais que possuem no mínimo 10 anos ou mais de trajetória na rede pública, pois com esse tempo de atuação, acreditamos que estes professores estão mais aptos a responderem o questionário do que os profissionais com menos tempo ou iniciando suas trajetórias de trabalho.

Esses tiveram suas imagens preservadas e foram informados acerca da finalidade deste trabalho e do comprometimento do pesquisador com a preservação de suas integridades. Também foram informados que não seriam obrigados a participarem da pesquisa, que suas participações são de livre e espontânea vontade.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Nessa seção foi feita uma análise das respostas dos profissionais no questionário aplicado nas escolas, destacando aspectos mais e menos comuns em suas falas em relação ao trabalho do professor. É importante frisar que, ao chegar

nas escolas para falar sobre a presente pesquisa, foi obtido uma boa recepção dos profissionais da direção, coordenação e professores, pois foi esclarecido que os sujeitos poderiam responder o questionário com o anonimato preservado.

Para iniciarmos, vale ressaltar que nas duas escolas que foram aplicados o questionário, apenas 12 profissionais possuíam o perfil indicado para responder as perguntas. Esses serão tratados por *Professor A, B, C, D, E, F, G, H, I, J, K e L*. Os dados abaixo contemplam as características desses profissionais.

Quadro 1: Características dos profissionais analisados

Profissional	Formação	Tempo de atuação
Professor A	Pedagogia	10 anos
Professor B	Pedagogia	10 anos
Professor C	Pedagogia	10 anos
Professor D	Magistério	Mais de 10 anos
Professor E	Pedagogia	Mais de 10 anos
Professor F	Magistério	10 anos
Professor G	Pedagogia	Mais de 10 anos
Professor H	Magistério	Mais de 10 anos
Professor I	Pedagogia	10 anos
Professor J	Pedagogia	Mais de 10 anos
Professor K	Pedagogia e Magistério	Mais de 10 anos
Professor L	Pedagogia e Magistério	Mais de 10 anos

Dado o exposto, percebemos que entre os 12 profissionais, 7 possuem formação em pedagogia, 3 tem o magistério e apenas 2 possuem magistério e formação em pedagogia. Em relação ao tempo de atuação, nota-se que 7 profissionais estão atuando há mais de 10 anos e 5 deles estão há 10 anos atuando na rede pública.

Para deixar claro, a divisão dos grupos entre as escolas, os professores de A à E, fazem parte do primeiro grupo de profissionais analisados em uma escola.

Os professores de F à L, contemplam o segundo grupo de profissionais analisados que faziam parte da segunda escola.

4.1 Autoimagem concebida pelos profissionais analisados

Para realizar essa análise, buscamos considerar a autoestima desses professores perante a profissão. O intuito dessa análise é compreender a forma como esses profissionais da Educação Básica se percebem. Para iniciarmos, decidimos fazer com que o professor refletisse sobre quem é ele dentro dessa profissão, ou seja, qual a autoimagem profissional que ele tem dentro dessa profissão. Então pedimos que estes completassem a seguinte frase *A visão que tenho de mim mesmo como professor é...*

As respostas dos professores sobre a visão de si, priorizou uma abordagem única e exclusiva, relacionada ao desempenho em sala de aula, em que a maioria das respostas giraram em torno das seguintes falas:

Que preciso sempre estudar para assim ensinar sempre melhor (Professor A).

Criativa, ousada que busca o aperfeiçoamento constante da prática pedagógica (Professor B).

Sou uma professora comprometida com o meu trabalho, me preocupo com a aprendizagem dos meus alunos, pesquiso e tento fazer sempre o melhor (Professor G).

Sou uma profissional em busca de novos conhecimentos (Professor L).

Diante disso, percebemos uma preocupação dos profissionais com a qualidade de ensino. Deixando claro, a necessidade em estudar e pesquisar, como uma forma de sempre melhorar a forma de ensinar a seus alunos. Assim percebemos que a formação inicial dos professores não é suficiente e que é fundamental sempre se atualizar através de estudos e pesquisas.

Esse interesse dos professores, de acordo com Freire (2005) demonstra uma valorização do diálogo, ou seja, através de uma boa relação professor-aluno, irá surgir essa preocupação com o ensino por parte do professor. Então uma prática educativa dialógica por parte dos educadores faz com que este, se mobilize e reflita e aja de forma consciente com seus alunos. Sobre a prática dialógica, Freire (2005, p.91) explica que

[...], o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes.

Nessa perspectiva, o professor não é visto como um transmissor de conhecimentos, mas como um mediador, assumindo uma prática humanizadora. Portanto, se preocupar com a aprendizagem do aluno é um ato solidário por parte desses professores, principalmente quando se leva em conta os contextos sociais que seus alunos se encontram.

A resposta do *Professor K*, se diferenciou da maioria, quando o mesmo relata que

A melhor possível, tenho como prioridade o crescimento social, intelectual e cognitivo dos alunos.

Ao abordar o crescimento social, intelectual e cognitivo dos alunos, a visão desse professor, está de acordo com Vygotsky (1991) sobre o papel do outro ser essencial para o desenvolvimento humano. Nessa perspectiva, o papel do professor é de mediador e estimulador. Como defende Chauí (1980, p.31) “o diálogo do aluno se dá com o pensamento, com a cultura corporificada nas obras e práticas sociais transmitidas pela linguagem e pelos gestos do professor, simples mediador”.

Dessa forma, o professor que adota essa postura contribui para a formação de cidadãos conscientes, pois está mais habilitado e informado da realidade social, cultural, política etc. Por esse motivo, está habilitado a estimular no estudante uma consciência para compreender essa realidade, ampliando sua visão social e senso crítico.

4.2 O trabalho do professor na perspectiva dos profissionais analisados

Após analisar a autoimagem desses profissionais, achamos pertinente, pedir que eles respondessem: *Como você descreve o trabalho do professor?* - Com o intuito de entendermos seus pontos de vista sobre a profissão que eles escolheram para si.

Nesse quesito, as respostas ficarem dentro de três perspectivas diferentes, por esse motivo, dividimos os discursos dos professores em três grupos.

São as respostas do *Grupo 1*:

Cansativo, mas ao vermos os alunos conseguindo os objetivos propostos, tento ficar focado e sempre me capacitando (Professor A).

Ser professor é, apesar de todas as dificuldades, continuar exercendo sua função com comprometimento em compartilhar conhecimento (Professor C).

Trabalhoso, dedicado, determinado, paciente, estimulante, gratificante (Professor E).

Árduo, mas prazeroso (Professor G).

De acordo com as respostas acima, percebemos dois lados correspondentes ao trabalho do professor. O primeiro, como uma profissão cansativa, dificultosa, trabalhosa etc e, o segundo, como um trabalho gratificante. Esses depoimentos, recordam uma pesquisa realizada por Narvaes (2002) com dois grupos de professores, que apontam satisfação pelo ofício de professor. Ele constatou que “apesar deste grupo reconhecer todas as dificuldades do exercício do magistério ainda permanece na profissão por considerar-se realizado, satisfazer-se dando aulas”. (NARVAES, 2002, p. 66). Talvez seja por esse motivo, que estes profissionais se preocupam em dedicarem-se com comprometimento e capacitações.

Com os apontamentos do *Grupo 2*, constatamos que os professores percebem a profissão como um meio de formar sujeitos, seja de forma social ou profissional.

O profissional que tem como objetivo a formação de seres humanos críticos e aptos a conviver de forma atuante na sociedade. É criativo, paciente, investigador, dedicado e empático (Professor B).

Muito importante na formação das outras profissões. Um bom trabalho (Professor D).

Como a base da formação cidadã, já que as famílias têm contribuído cada vez menos nesse processo (Professor H).

Na visão desses educadores, a profissão professor é um meio de proporcionar aos alunos, ensinamentos que contribuam para a cidadania, de forma que os estudantes atuem como cidadãos críticos em sociedade e também como uma preparação para o mercado de trabalho. Em relação a educação para a cidadania, Candau (1999, p. 112) aponta que

Educar para a cidadania exige educar para a ação político-social e esta, para ser eficaz, não pode ser reduzida ao âmbito individual. Educar para a cidadania é educar para a democracia que dê provas de sua credibilidade de intervenção na questão social e cultural. É incorporar a preocupação ética em todas as dimensões da vida pessoal e social.

A educação voltada para cidadania promove o respeito e a tolerância pelas diferenças sociais e culturais. Além disso, o professor que promove a cidadania em suas aulas, contribui para que o aluno obtenha uma visão crítica sobre os fenômenos pessoais e sociais, de forma que consiga lidar com as situações com respeito e justiça.

Agora partiremos para as respostas do *Grupo 3*, que giraram em torno das seguintes falas:

Constantes desafios numa sociedade que não valoriza essa missão transformadora. Um desgaste contínuo (desgaste psicológico) (Professor F).

Um trabalho árduo, difícil, pois a docência vai muito além do que somente dar aulas. (Professor I).

Um trabalho árduo, que requer muita pesquisa e dinamismo (Professor J).

Um trabalho árduo, não valorizado (Professor L).

Evidencia-se, mediante os depoimentos apresentados que a desvalorização do trabalho do professor faz parte da rotina desse profissional. Esse quadro representa um desafio relacionado às políticas governamentais. Por esse motivo, é necessário o apoio da população para garantir o direito a uma educação de qualidade, como afirma Weber (2000, p. 60)

[...] a construção da qualidade da educação formal constitui processo multifacetado, que requer simultaneamente, condições escolares adequadas para o desenvolvimento de atividades pedagógicas, profissionalização do professor, democratização da gestão de política educacional, articulação entre os órgãos governamentais e sociedade civil, avaliação permanente, participação ativa das comunidades na gestão escolar [...].

Diante disso, percebemos que a qualidade da educação depende de diversos fatores e, entre eles está a profissionalização do professor, que por sua vez, depende de um suporte de órgãos governamentais e da sociedade civil.

4.3 A percepção dos professores sobre a importância do seu trabalho para a sociedade

Para relacionarmos a autoestima dos sujeitos analisados enquanto professor, pedimos que eles respondessem: *Na sua opinião, qual a importância da sua profissão?* – pois, achamos pertinente compreender qual o valor que esses profissionais atribuem em seu trabalho. Diante disso, detectamos que grande parte desses profissionais, as respostas giraram em torno dos seguintes depoimentos:

É um profissional de extrema importância, pois transmite o conhecimento e contribui significativamente na formação do ser humano (Professor B).

Para o desenvolvimento do cidadão e melhoria do país, a minha é a mais importante das profissões. E deveria ser a mais respeitada, pois só a educação pode mudar o mundo (Professor E).

Fundamental para a formação da cidadania (Professor J).

Entendendo que “é a escola que estimula o aluno a perguntar, a criticar, a criar, onde se põe a construção do conhecimento coletivo, articulando o saber popular e o saber crítico, científico, mediador pelas experiências do mundo” (FREIRE, 1991, p.83). Então, o papel do professor se torna crucial na vida dos educandos, para torna-los sujeitos críticos e ativos para viverem em sociedade. Mediante as respostas acima, percebemos que esses profissionais, entendem a importância da profissão numa perspectiva de contribuir na formação de sujeitos para a vida em sociedade.

Outros profissionais apontam a importância da profissão como fundamental para o mercado de trabalho e preparação para outras profissões.

É de fundamental importância, uma vez que o professor prepara o aluno para o mercado de trabalho (Professor L).

Como disse antes, a mais importante, pois através do professor será a base de todas as outras profissões (Professor K).

O foco da educação, mediante as respostas acima, está voltado para o ensino profissionalizante e não para a cidadania. O fato de vivermos em uma sociedade capitalista, ter um emprego é algo fundamental. Por esse motivo, estar preparado para o mercado de trabalho é um desafio para muitos. Porém, é importante lembrar que, tais profissionais estão atuando na educação básica e os

alunos desse nível de ensino, estão em uma idade que teoricamente no país, não é permitido atuarem no mercado de trabalho.

Entretanto, a percepção desses professores, sobre a importância da sua profissão está voltada para o mercado de trabalho, corresponde com Frigotto (2004, p. 24) quando explica que “ao enfatizar o mundo do trabalho, na sua historicidade, como relação social fundamental que não se reduz à ocupação, tarefa, emprego, mas que não os exclui, e que abarca o conjunto de relações produtivas, culturais, lúdicas, etc”. Então, mesmo sabendo que, a educação profissional não é obrigatória na educação básica, ela é de fato necessária na sociedade.

4.4 Desafios apontados pelos profissionais

Apesar de percebermos nas falas dos sujeitos analisados, o quanto eles acreditam na importância do trabalho do professor para a formação do cidadão e, o quanto eles se esforçam para que esse trabalho seja feito com qualidade. Percebemos que há muitos desafios em torno dessa profissão. Ao responderem a pergunta do questionário “*Quais desafios você destaca na sua profissão?*”, constatamos que, muitos fatores prejudicam esses profissionais para que realizem suas atividades diárias com êxito. No entanto, destacaremos a seguir os desafios mais comuns apresentados nos depoimentos dos sujeitos.

A **falta de participação da família do estudante** é um fator destacado pelos *Professores A, F, G, H, I*. Como aponta a fala do sujeito abaixo:

Ter que além de formar e educar, pois convivemos cada vez mais com conflitos internos dos estudantes, as famílias sempre alegando que já não são capazes de lidar com essas situações, mas quando vemos a superação temos a certeza que contribuimos com o processo (Professor H).

Seguindo o pensamento de Prado (1981, p. 9) “a família como toda instituição social, apesar dos conflitos é a única que engloba o indivíduo em toda a sua história de vida pessoal”. Isso porque é com a família que a criança determina os primeiros relacionamentos. Dessa forma, o grupo familiar é um fator muito

importante na vida do estudante, pois a relação entre ambos servirá de modelo para relacionamentos na escola e também na sociedade.

Ainda diante da resposta desse professor, notamos o perfil de uma família que é pouco participativa na formação da criança, o que é muito comum da vida dos estudantes, principalmente de escolas públicas. Segundo Vasconcellos (1995, p.22)

Percebemos muitas famílias desestruturadas, desorientadas, com hierarquia de valores invertida em relação à escola, transferindo responsabilidades suas para a escola [...], a família não está cumprindo sua tarefa de fazer a iniciação civilizatória: estabelecer limites, desenvolver hábitos básicos.

Com a falta de orientação familiar, os estudantes, passam a ter influências de outras fontes e pessoas, que muitas vezes não são adequados para a idade e acabam prejudicando a formação social e psicológica dos mesmos. Por esse motivo, muitas crianças levam esses problemas de cunho familiar para a escola. Como consequência os professores se encontram com o desafio de tentar superar certas situações da vida do estudante, pois muitas vezes acabam influenciando o processo de aprendizagem dos mesmos.

Outro problema comum apontado pelos *Professores D e I* é a questão da **indisciplina escolar**, que para Vasconcellos (2013), está relacionada à vínculos, limites e possibilidades. Esta causa a desobediência referente as regras impostas no ambiente escolar e, que por sua vez, dificulta o trabalho do professor em sala de aula e, muitas vezes a relação professor-aluno.

Para Zandonato (2004) a indisciplina é uma das maiores preocupações pedagógicas, pois esta pode estar relacionada a violência, cabendo a escola encarar o desafio para que fique claro o seu papel no processo educativo. Isso porque, esta atinge diretamente o rendimento escolar e por esse motivo, professores desviando o foco de seu ensino para amenizar esse problema que diversas vezes pode levar violência.

A questão da **falta de materiais e recursos** esteve presente nas respostas dos *Professores C e E*. Nas escolas públicas é comum a realização de aulas pré-programadas apenas no livro didático. Isso acontece porque muitas vezes as escolas não possuem recursos que auxiliem em atividades diferenciadas. Com

isso, alguns profissionais pagam do próprio bolso, por impressões e cópias de atividades, pois as escolas costumam ter limites de folhas e tinta de impressora.

Computadores, televisão, DVD e projetores também são instrumentos que não estão presentes em todas as escolas e muitas vezes precisam ser reservados com antecedência. Dessa forma, desenvolver atividades que vão além do livro didático se torna difícil.

É diante desse contexto, que percebemos que o foco da educação pública de nosso país está nos resultados estatísticos e não na qualidade. Souza (2009, p.39) aponta que “a ideia de qualidade que vem sendo forjada [e que] tem-se restringido à apreciação do desempenho do aluno, sem que este seja interpretado à luz de condições intra e extraescolares”. Por esse motivo, a falta de recursos presente nas escolas, prejudica as aulas ministradas pelos professores que pretendem ir além do livro didático, com instrumentos lúdicos e atrativos que faz com que o aluno se interesse e participe das aulas.

Outro fator apontado pelos *Professores C, D, I e K* é a **desvalorização profissional**. Esse desafio, vem causando cada vez mais desmotivação aos profissionais da educação. Diante desse, dos problemas apontados anteriormente e tantos outros existentes na educação, como sobrecarga de trabalho, baixos salários, torna o exercício da profissão improdutivo. Libâneo (2000, p. 43) ressalta que “a desprofissionalização afeta diretamente o status social da profissão em decorrência dos baixos salários, precária formação teórico-prática, falta de carreira, deficientes condições de trabalho.”

Em relação a remuneração Gatti e Barreto (2009, p. 247) alegam que “os salários recebidos pelos professores não são tão compensadores, especialmente em relação às tarefas que lhe são atribuídas”. Diante disso, a profissão professor se torna cada vez menos desejada e, isso conseqüentemente acarreta em números cada vez menores de pessoas que escolhem uma licenciatura para seguir carreira.

Dessa forma, percebemos que a desvalorização da profissão pode se tornar um desafio maior, pois se essa profissão deixa de ser atrativa, quem irá preencher as vagas nos cursos de licenciatura e a disputar as vagas de concursos públicos? Isso poderá acarretar em profissionais não capacitados como responsáveis a

ministrarem o ensino no país e assim, o ensino que está cada vez mais prejudicado e estigmatizado, se tornará um problema maior na nação.

Outro problema, que vem deixando professores frustrados é a **desmotivação dos alunos** (Professor L e K). Vários fatores podem provocar esse fator, como problemas familiares e pessoais do aluno, dificuldades em interagir nas aulas, assuntos descontextualizados de sua realidade etc. Para Kupfer (1995, p. 79) "... o processo de aprendizagem depende da razão que motiva a busca de conhecimento". Dessa forma, os alunos precisam ser motivados a desejarem aprender e a perceberem a importância de determinado conteúdo para a sua vida.

Dentre as dificuldades apontadas, encontra-se **atender a diversidade** (Professor J). Mesmo o sujeito não especificando qual a diversidade, sabemos que dentro da escola, existe uma população formada por diversas raças, etnias, religiões, costumes, crenças etc. Levando em conta a importância de tratar essa temática nas escolas, o desafio dos professores em atender essa clientela, está muitas vezes em produzir saberes voltados a essa temática. Como aborda Perrenoud (2000, p. 90) "enfrentar o desafio de propor um ensino que respeite a cultura da comunidade significa constatar cada realidade social e cultural com a preocupação de traçar um projeto pedagógico para atender a todos sem exceção".

Mesmo reconhecendo a relevância dessa temática para os alunos, vale considerar que muitos professores, diante de outros desafios, não possuem tempo e autonomia para planejar aulas e atividades com temáticas específicas e, assim fazer acontecer uma aprendizagem significativa para os estudantes.

Outro obstáculo ressaltado, foi a respeito de **locais de trabalho precários** (Professor K). Esse dado, está relacionado a salas pequenas, superlotadas, com pouca ventilação e iluminação, portas e janelas quebradas, ausência de biblioteca, quadras esportivas entre outros fatores na infraestrutura escolar, que complica a produtividade de alunos e professores. Essa deficiência na infraestrutura das escolas para Satyro e Soares (2007) afeta diretamente a qualidade da educação.

Com isso, o que resta ao professor é adotar a metodologia tradicional, na qual o professor que mal consegue se locomover na sala de aula, é obrigado a permanecer a aula toda na frente do quadro ou sentado em sua mesa frente aos

alunos, enquanto esses acabam ficando muito próximos uns dos outros, o que gera desconcentração nos conteúdos abordados.

Notou-se nos dados, também a presença da **falta de tempo para as atividades pessoais** (Professor L e G):

A falta de tempo para as atividades pessoais, já que somos obrigados a dobrar a carga horária devido a não valorização salarial (Professor L).

É comum encontrarmos professores com dupla jornada, pois além da rotina que vivenciam dentro das escolas, esses profissionais muitas vezes são obrigados a levarem as atividades da escola para casa, como planejamento, correção de provas e etc. Diante dessa carga profissional, a vida pessoal fica difícil de ser conduzida. Ressaltando que essa pesquisa tem como foco principal a autoestima do professor, é válido salientar que uma jornada desgastante e cansativa pode levar esse profissional a um desencanto da profissão e assim consequentemente levá-lo a ter uma baixa autoestima, de forma que, não consiga lidar com as pressões cobradas no trabalho e na vida pessoal.

Com isso, outros problemas podem ser gerados como aponta Israel (2010, p. 12) “a demanda intensa de atividades dos profissionais, num ritmo desenfreado, está aumentando a incidência de pessoas estressadas. Caso estes níveis de estresse se tornem excessivos, há um comprometimento na qualidade de vida da pessoa”. Contudo, percebe-se a relevância desse tema, como continuidade de pesquisa e, assim favorecer na motivação, preparação e atuação de professores em relação ao trabalho.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou analisar a situação da autoestima profissional de professores que atuam na educação básica com o mínimo de 10 anos de atuação na rede pública, em duas escolas localizadas no município de Garanhuns. Frisamos a área profissional, pelo fato dos sujeitos analisados serem profissionais da educação e, levando em conta o contexto que vem permeando seu trabalho, esses

podem estar satisfeitos com sua vida pessoal, conjugal, ao mesmo tempo podendo estar feliz ou não com sua vida profissional.

Com isso definido, optou-se na aplicação de um questionário, no qual procurou compreender a autoimagem dos sujeitos analisados, dando espaço para eles falarem sobre a profissão e qual valor eles davam ao trabalho deles.

Isto posto, entende-se que a autoestima é uma percepção de si mesmo e que é construída a partir de vivências e experiências pessoais. Além disso, a situação da autoestima pode influenciar as relações pessoais do sujeito com outrem de forma positiva ou negativa. No caso dos professores, a situação de sua autoestima profissional pode afetar diretamente no seu desempenho no trabalho.

Com base nos depoimentos dos professores que responderam o questionário, foi evidenciado que, fatores como desvalorização profissional, indisciplina de alunos, falta de recursos e materiais para ministrar suas aulas, locais precários de trabalhos, ausência de participação da família dos estudantes, entre outros, fazem parte de suas vivências de trabalho.

Diante desse cenário, percebemos que o encanto pela profissão diminui, podendo levar a baixa autoestima profissional desses sujeitos e assim, apresentar dificuldades no seu desempenho no trabalho, bem como planejar e ministrar aulas, desenvolver uma boa relação com seus alunos, etc.

Entretanto, estes educadores enxergam o valor de sua profissão e, por esse motivo, ainda procuram dar o melhor de si para garantir um bom ensino. Nessa perspectiva, os professores se mostram sujeitos que vão além meros transmissores de conhecimento, sendo sujeitos que servem como ponto de referência para seus educandos. Por esse motivo, compreendemos que se a autoestima do professor estiver baixa, não prejudicará apenas seu desempenho profissional, mas também o desenvolvimento de seus alunos.

Também é importante salientarmos, a importância não apenas de órgãos governamentais, mas também do apoio da sociedade civil, para que seja evitado um problema maior na sociedade, em relação ao ensino. Isso porque, deixando de ser uma profissão atrativa, as vagas nas licenciaturas e concursos deixarão de serem preenchidas e, assim profissionais com o “notório saber” ficarão responsáveis pela educação no país.

Por fim, ressaltamos a relevância do tema desse trabalho, com o foco de tentar contribuir em melhorias relacionadas ao bem estar desse profissional, avaliando suas condições de trabalho e também como fator que possa favorecer a melhoria do processo de ensino e aprendizado dos alunos, que muitas vezes carregam em si contextos problemáticos de seus contextos familiares.

6 AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que permitiu que tudo isso acontecesse, me dando saúde e força para superar as dificuldades, por minha vida, família e amigos. A minha mãe, pelo amor e por sempre estar ao meu lado durante as dificuldades do curso e da vida. Ao meu pai e meu irmão que também sempre estiveram do meu lado nos momentos difíceis e me apoiando e incentivando a nunca desistir dos meus sonhos. Aos demais familiares, pelo amor, incentivo e apoio incondicional, que me deram desde o início do curso.

Agradeço também ao meu namorado Wagner, que jamais me negou apoio, carinho e incentivo. Obrigada por ser tão atencioso, por aguentar minhas crises de estresse e ansiedade e entender minha ausência em diferentes momentos.

Muitas foram as amizades que fiz durante essa jornada na universidade e, jamais poderia deixar de agradecer a companhia de Jayne Melo, Tamyres Maria e Tarcis Souza que além de amigos de curso, são pessoas que levarei para além dos muros da universidade. Foram inúmeros momentos que passamos juntos, sendo os mesmos felizes e tristes, além das muitas aventuras e obstáculos que passamos juntos, cada um contando com a cumplicidade do outro.

A todos os meus/minhas companheiros/as de turma, pois mesmo sempre havendo diferenças e conflitos durante os 8 períodos do curso, eu aprendi muito com cada um de vocês.

A minha orientadora Juliana Galindo, que me acolheu com bastante carinho, me orientou, apoiou e confiou no meu empenho dedicado à elaboração deste trabalho. Além de me proporcionar uma ótima orientação, jamais poderia deixar de agradecer por suas aulas nos primeiros períodos desse curso, as quais me propiciou um enorme conhecimento, que levarei para o resto da minha vida.

A todas professoras e professores do curso de Licenciatura em Pedagogia da UFRPE/UAG, por todo conhecimento que adquiri ao longo desse curso. Nesses anos, foram construídos vínculos e uma amizade muito significativa que contribuiu para a minha formação tanto profissional quanto pessoal.

A Universidade, pelo ambiente que me permitiu construir amizades, conhecimentos e uma nova visão de mundo.

E de um modo geral, a todos que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho e que torcem pelo meu sucesso profissional.

Muito obrigado!

Referências

BARRETO, Angela Maria Rabelo Ferreira. **Professores do ensino de primeiro grau: quem são, onde estão e quanto ganham.** Estudos em avaliação educacional, São Paulo, n. 3, p. 11-43, jan./jun. 1991.

BRANDEN, Nathaniel. **Auto-estima: como aprender a gostar de si mesmo.** São Paulo, SP: Saraiva, 2000.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 22 de janeiro 2019b

CANDAU, Vera Maria et al. **Oficinas pedagógicas de direitos humanos.** 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

CASTELO-BRANCO, M. C., & PEREIRA, A. S. **A auto-estima, a satisfação com a imagem corporal e o bem-estar docente.** Psicologia, Educação e Cultura, 5, 335-346, 2001.

CAVALCANTI, M. J. A. **Aprendizagem & auto-estima.** Monografia, 2003. Rio de Janeiro: Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://docslide.com.br/documents/aprendizagem-e-auto-estima.html>>. Acesso em: 18 de janeiro de 2019.

CHAUI, Marilena de Souza. **Ideologia e Educação in revista Educação e Sociedade n. 5.** São Paulo: Cortez Editora/Autores Associados, 1980.

DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho**: estudo de psicopatologia do trabalho; Tradução Ana Isabel Paraguay e Lúcia Leal Ferreira. 5. ed. ampliada. São Paulo: Cortez Oboré, 1992.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREUD, Sigmund. Edição Standartizada brasileira das Obras Completas. In: _____. **O mal estar da civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1974, vol. XXI.

FRIGOTTO, G. **Trabalho, conhecimento, consciência e a educação do trabalhador**: impasses teóricos e práticos. In: GOMES, Carlos Minayo et al. Trabalho e conhecimento: dilemas na educação do trabalhador. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2004. p. 13-26.

GATTI, B. A.; BARRETO, E. S. de Sá. **Professores do Brasil**: impasses e desafios. Brasília: UNESCO, 2009.

HARTER, S. **Visions of self**: Beyond the me in the mirror. In J. E. Jacobs (Ed.), Developmental perspectives on motivation (pp. 99-144). Lincoln: University of Nebraska Press, 1993.

ISRAEL, R. B. **Avaliação dos níveis de estresse em professores de escolas públicas de Belém**. 2010. 66 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Fisioterapia do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde-CCBS, Universidade da Amazônia, Belém, 2010.

KUPFER, Maria Cristina. **Freud e a Educação** – O mestre do impossível. São Paulo: Scipione, 1995.

LEITE, Janete. Produtivismo acadêmico está acabando com a saúde dos docentes. Quarta mesa do Seminário Ciência e Tecnologia no Século 21, **ANDES-SN**, Brasília, nov; 2011. Disponível em: e/ou. Acesso em: 2 jun. 2011.

LIBÂNEO, J. C. **Adeus professor, adeus professora?** Novas exigências educacionais e profissão docente. 4.ed. Cortez, 2000.

LIBÂNEO, J. C. **A identidade profissional dos professores e o desenvolvimento de competências**. In: Organização e gestão da escola. 5ª Ed. Teoria e prática. Goiânia: MF livros, 2008.

LÜDKE, Menga & ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em Educação**: Abordagens Qualitativas. São Paulo: EPU, 2012.

NARVAES, A. B. Imagens docentes. In: RAYS, O. A. (Org.). **Educação**: ensaios reflexivos. Santa Maria: Pallotti, 2002.

NÓVOA, A. (Org.) **Profissão professor**. Portugal: Porto, 2. ed., 1995.

NÓVOA, A. (1995). **O passado e o presente dos professores.** In: NÓVOA, António. Profissão Professor. Porto. Porto Editora. (p.13-34).

OLIVEIRA, D. A. **As reformas educacionais e suas repercussões sobre o trabalho docente.** In: OLIVEIRA, D. A. (Org.). Reformas educacionais na América Latina e os trabalhadores docentes. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 13-35.

PARO, V. H. **Trabalho docente na escola fundamental:** questões candentes. Cad. Pesqui., São Paulo, v. 42, n. 146, p. 586-611, 2012.

PARO, V. H. **Situação e perspectivas da administração da educação brasileira:** uma contribuição. Revista brasileira de administração da educação, Brasília, v. 12, n. 2, 2a. parte, p. 207-224, jul./dez. 1996.

PERRENOUD, Philippe. **Pedagogia diferenciada:** das intenções às ações. Porto Alegre: Artemed, 2000.

PRADO, Danda. **O que é família.** 1 ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

REGO, T. **Vygotsky:** uma perspectiva histórico-cultural da educação. Petrópolis: ed. Vozes, 2003.

RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como um outro.** Tradução de Lucy Moreira Cessar. Campinas, SP: Papirus, 1991.

RODRIGUES, Auro de Jesus. **Metodologia científica.** São Paulo: Avercamp, 2006.

SPIVAKOSKI, Lorimar S. S. **Mal-estar docente:** prevenção e políticas publicam. Disponível em http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigo_lorimar_salete_sartor_spivakoski.pdf. Acesso em: 12 de fevereiro de 2019.

SATYRO, Natália; SOARES, Sergei. **A infraestrutura das escolas brasileiras de ensino fundamental:** um estudo com base nos censos escolares de 1997 a 2005. Brasília: IPEA, 2007.

SOUSA, Sandra Maria Zakia L. **Avaliação e gestão da educação básica no Brasil:** da competição aos incentivos. In: DOURADO, L. F. (Org.). Políticas e gestão da educação no Brasil: novos marcos regulatórios. São Paulo: Xamã, 2009. p. 31-45.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **Trabalho docente:** elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Petrópolis: Vozes, 2005.

VASCONCELOS DE BARROS, Antonilda. **Trabalho docente na educação básica na rede municipal de ensino em Belém.** 2013. 103f. Dissertação (mestrado) Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Programa de Pósgraduação em Educação, Belém, 2013.

VASCONCELLOS, C. S. **Disciplina:** construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola. São Paulo: Libertad, 1995.

VASCONCELLOS, C. S. Disciplina e indisciplina na escola. **Presença Pedagógica**. Belo Horizonte, v. 19, n. 112, p. 5-13, jul-ago, 2013.

VOLI, Franco. **A auto-estima do professor**. São Paulo: Loyola, 1998.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WEBER, S. Políticas de formação de professores e seu impacto na escola. In CANDAU, V. M. (Org.) **Cultura, linguagem e subjetividade no ensinar e aprender**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

XAVIER, Antonio Carlos. **Como fazer e apresentar trabalhos científicos em eventos acadêmicos**. Recife: Editora Rêspel, 2010.

ZANDONATO, Z. L. **Indisciplina escolar e a relação professor-aluno, uma análise sob as perspectivas moral e institucional**. 2004. 191 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2004.